

9/15/56

A ENTREVISTA

O BRAVO general Lott falou — e nos assustou um pouco ao mostrar sua temível fôlha de feitos guerreiros, entre os quais está um perigosíssimo ataque no Paraná — um ataque de impudismo. Isto me aproxima um pouco da eminente figura porque me aconteceu o mesmo no Paraná, há muitos anos, quando me meti a caçador e pescador na beira do Tibagi. Fora disso enumera onde estava quando houve tal ou qual revolução, o que não chega a ser impressionante porque nós todos estávamos em alguma parte, e não é espantar que o general estivesse no Exército, embora, para sorte sua, sempre longe do estouro das granadas e do desagradável cacarejar das metralhadoras.

O fato é que ninguém duvida da capacidade militar do general; suas manobras de tanques no asfalto são demasiado recentes. O homem trabalha muito bem com envelopes fechados — e deve ter alguns de reserva.

Fora de brincadeira, acho que sua entrevista tem muitas idéias boas. Uma delas é o direito de voto aos analfabetos; apenas não entendo como conciliar o voto secreto com a obrigação do eleitor declarar qual o partido a que pertence. Eu, por exemplo, me veria enrascado, pois não sou de nenhum. E o general Lott de qual será? Não sei como escapou do repórter Castelo Branco fazer-lhe esta naturalíssima pergunta. Também me parece boa a inelegibilidade dos militares em serviço ativo, mas a «presença dos militares na política», chamada pelo general de inconveniente, não consiste apenas nisso. Essa presença é principalmente ruim quando o militar se mete na política não como um cidadão eleito pelos cidadãos, mas como militar mesmo, usando o argumento dos tanques e canhões. Isto sim, é que avacalha o regime, é ver um general dando ordens à Câmara, dominando ou despedindo presidentes da República.

Que país monótono! O general Góis Monteiro levou 25 anos dando entrevistas políticas, tomando atitudes políticas e falando contra a presença dos militares na política; agora vem o general Lott recomeçar a mesma cantiga! Se o general Lott é contra a presença dos militares na política, faça agora o que o general Góis só fez obrigado pela velhice: meta a viola no saco e a espada na bainha, e não venha para os jornais falar de política. Ou então seja sincero e fale contra a presença dos (outros) militares na política.

O presidente Caté Filho deve estar se lavando em água de rosas porque o general reconheceu que ele não estava conivente com os golpistas e cumpriu seu dever tentando reassumir o governo ao sair do hospital. Estamos vendo que o general Lott é um caráter retilíneo e um bom coração: ele trai, mas perdoo o traído.

Há mais o que ver na entrevista, mas a crônica está comprida e quero ver se ainda pego uma praia antes do almoço. O general que me desculpe, e até amanhã.